Carolin Emcke e a comunicação cibernética: da cultura do cancelamento à cultura do erro

Juliana Sehn

“Uma sociedade democrática é uma ordem dinâmica e passível de aprendizado, que também pressupõe a disposição individual e coletiva para admitir erros, individuais ou coletivos, para corrigir injustiças históricas e para perdoar uns aos outros” (p. 168). Esta frase de Carolin Emcke, filósofa e jornalista alemã, está presente no último capítulo de seu livro “Contra o Ódio”, lançado em 2016. Isto é algo interessante de se observar: a data em que o livro foi publicado pela primeira vez. Como alguém que fez a leitura desta obra pela primeira vez agora, em 2021, posso afirmar que a lembrança de que a sua primeira edição foi publicada há cinco anos atrás pairou sobre a minha experiência com um sentimento de melancolia. Em seu livro, Emcke expõe em diversos momentos os absurdos moldados pelos mecanismos do ódio que vem acontecendo já há muito tempo nas sociedades (discursos e atitudes violentas contra imigrantes, muçulmanos, negros e LGBT’s). Ao lembrar do ano de publicação do livro, sempre me vinha uma tristeza ao perceber que, mesmo com a existência de um texto tão claro e explicativo como o de Emcke, nós parecemos, nos últimos cinco anos, não apenas não ter evoluído em quase nenhum dos aspectos apontados pela autora, como também piorado em muitas destas questões. “Contra o Ódio” consiste em uma linguagem leve, mas seu conteúdo pesa no leitor ao expor a situação triste em que nos encontramos como sociedade.

Emcke é corajosa, tanto por colocar em palavras simples alguns temas indigestos (mas que devem ser discutidos), como por ousar oferecer soluções diante da problemática do ódio. Estas soluções servem como uma brisa de alívio e esperança no meio de uma leitura tão repleta de verdades difíceis.

A base das soluções propostas pela filósofa alemã é a defesa da pluralidade, em oposição às ideologias que prezam por uma nação “homogênea” e “pura”, baseadas em princípios de exclusão. A partir disso, a autora dá diversos exemplos de como uma sociedade verdadeiramente democrática deve agir para ser realmente justa e evitar ao máximo que o ódio prevaleça.

Particularmente, a proposta pela qual mais me afeiçoei foi a da cultura do erro, da dúvida e do debate. A partir disso, a autora defende o desenvolvimento de uma sociedade onde os erros sejam admitidos com mais facilidade e onde a dúvida paire sobre qualquer assunto para que haja sempre um debate curioso e aberto sobre os temas necessários, assim como uma autocrítica constante por parte do Estado e da comunidade.

Antes de tudo, vejo a ideia da cultura do erro como algo bonito e poético, afinal o erro é uma característica intrínseca da natureza humana. Assim, nada parece mais coerente do que aceitar as falhas e desenvolver uma cultura do erro, na qual errar deixa de ser visto como algo feio, proibido, a ser evitado ou escondido, e passa a ser considerado não apenas como algo natural de todas as pessoas, como também um caminho para o aprendizado e o acerto. Isto também envolve defender o direito do outro de errar para que, consequentemente, o meu direito de errar também seja garantido. A partir disso, acredito que viria, quase como consequência, outro ponto colocado por Emcke como necessário para uma sociedade livre e democrática: a capacidade de pedir perdão e também de perdoar. Em uma sociedade onde o erro não é visto como algo condenável, mas natural e até mesmo necessário, a capacidade de aceitar e perdoar tanto as próprias falhas quanto as dos outros também se tornaria algo predominante. Vale ressaltar que esta tolerância com o erro defendida aqui nada tem a ver com uma impunidade legal de qualquer tipo de crime. Atos criminais devem ser devidamente processados e repreendidos justamente de acordo com a legislação.

Infelizmente, pensar na ideia inspiradora de “cultura do erro” e “cultura da dúvida” escancara, ao mesmo tempo, que a estrutura em que vivemos hoje é completamente contrastante a estas propostas. Isto nos remete à tão comentada cultura do cancelamento. Predominante na internet, a cultura do cancelamento prescinde exatamente o oposto das propostas da autora: silenciar,

desprezar e linchar as pessoas que são pegas cometendo erros. Assim, podemos considerar esta cultura como um forte mecanismo de disseminação do ódio atualmente.

É interessante perceber, porém, que ao menos tem ocorrido debates sobre esta prática do cancelamento, o que demonstra que muitas pessoas já perceberam a característica improdutiva e incoerente desta cultura. Mesmo assim, ainda estamos cambaleando em relação a este tema, provavelmente porque o ato de "cancelar" se tornou praticamente automático para muitas pessoas e, portanto, não é de imediato que elas deixarão de ser "canceladoras".

Um exemplo disso é a situação vista recentemente na edição atual do Big Brother Brasil. A cultura do cancelamento foi colocada como tema central logo no início do programa. Isso porque os espectadores viram dentro da casa atitudes de "cancelamento" sendo colocadas em prática, principalmente contra o integrante Lucas Penteado. Após cometer alguns deslizes no início do programa, Lucas, mesmo após se desculpar e tentar ouvir seus colegas, passou a ser excluído dentro da casa, além de ser alvo de uma violência verbal e psicológica gratuita, principalmente por parte da rapper Karol Conká. A situação chocou os espectadores do programa, que logo relacionaram as atitudes dos participantes com a cultura do cancelamento. Ficou evidente para todos que assistiam como é violento e cruel o ato de tirar a voz de alguém que tenta se redimir e aprender com seus erros.

Contudo, o que é interessante de observar nesta situação é que, mesmo após a grande epifania da comunidade online sobre a crueldade da cultura do cancelamento, esta cultura, a princípio, não foi rompida. Ao invés disso, cancelaram os canceladores, concluindo que assim estaria resolvido o problema. Entretanto, isto apenas manteve o hábito de cancelar intacto. Ao invés de lincharem Lucas pelos seus erros no início do programa, agora todos condenavam Karol. Falou-se com muita confiança sobre "acabar com sua carreira", foram publicados memes e discursos violentos direcionados a ela, perfis destinados a canalizar o ódio por ela foram criados e até o filho adolescente da cantora virou alvo de insultos nas redes sociais.

"Observar e criticar ações em vez de censurar as pessoas abre a possibilidade de que elas possam se distanciar de suas ações, de que possam mudar", escreve Emcke (p. 45). Pensando no cenário brasileiro, a partir desta situação com o BBB21, percebe-se um tímido movimento de abertura para repensar a cultura do cancelamento, porém fica clara a facilidade com que ainda caímos nos mesmos mecanismos de julgamento a que estamos habituados. Observando as reações do público do reality show, é possível notar uma pequena evolução em relação ao cancelamento, a princípio pela própria rejeição em massa em relação às atitudes de "canceladora" de Karol Conká. Depois, porque parece ter havido um consenso entre a maioria das pessoas na internet de que a participante não deveria ser alvo de linchamento após a sua saída do programa. Os próprios participantes que foram alvos das ações agressivas de Karol dentro da casa (Lucas e Bil Araújo) pediram em suas redes sociais para que os internautas não direcionassem o ódio contra a rapper após sua eliminação. Contudo, antes da saída da participante, a comunidade online não pensou duas vezes antes de linchá-la virtualmente, reproduzindo novamente a atitude de canceladores. De qualquer forma, há um movimento, mesmo que a passos pequenos, de saída deste mecanismo do cancelamento a que estamos tão habituados, e gosto de pensar que isto é um primeiro passo para uma substituição dos hábitos de condenação atuais pela cultura do erro proposta por Emcke.

Ainda sobre a cultura do erro, a filósofa comenta que "as condições estruturais, bem como os usos sociais da comunicação por meio de redes sociais, são um obstáculo crescente que impede tal cultura do debate na qual também seria possível reconhecer os próprios erros e pedir perdão" (p. 168). Particularmente, acho esta frase inquietante. Que condições estruturais da comunicação estão servindo como obstáculo para alcançarmos a cultura do debate? E, resgatando a reflexão anterior, que estruturas comunicacionais permitiram que a cultura do cancelamento se fortalecesse? Como Emcke fala, nesse trecho, da comunicação nas redes sociais especificamente, penso que o obstáculo

em questão pode ter relação com a estrutura matemática de jogos digitais, intrínseca das redes sociais.

Como vemos no estudo de filosofia da comunicação, os jogos de computador sintetizam os princípios básicos do meio de expressão digital a partir da lógica de interação, interconexão, controle e decisão. Sendo assim, a relação entre a lógica matemática dos jogos digitais e as redes sociais é evidente. Em outras palavras, as redes sociais possuem, de certo modo, a mesma forma de funcionamento que os jogos digitais. A problemática que surge a partir disso é a consequente confusão entre jogo e comunicação. Sendo o jogo algo lúdico e irresponsável por essência, e a comunicação algo responsável, a falta de distinção entre os dois acaba por resultar em uma espécie de comunicação irresponsável nos meios digitais. Esta irresponsabilidade se dá tanto pelo o que é dito e feito – como se tudo pudesse ser apagado e revertido sem consequência alguma –, quanto pelo modo em que as pessoas são "jogadas" e colocadas como meros objetos de interação. Exemplo disso são as discussões que ocorrem em redes sociais e a facilidade que existe de simplesmente apagar tudo o que foi dito. O ato de publicar e posteriormente apagar um comentário feito em uma rede social consiste em uma tentativa de reverter algo que já foi dito e consequentemente se eximir da responsabilidade deste ato. Porém, enquanto no jogo é essencial que exista reversibilidade e a possibilidade de se voltar ao início sempre, sem nenhuma consequência, a comunicação não é reversível.

Assim, esta irresponsabilidade pode ser um dos fatores que facilitam a disseminação de discursos de ódio na internet e a cultura do cancelamento, com suas condenações instantâneas e cruéis. Dessa forma, é possível que parte do obstáculo de que Emcke fala seja justamente esta comunicação irresponsável que ocorre nos meios digitais.

Quem sabe uma solução seria realizar um esforço coletivo para esclarecer melhor este limiar entre jogo e comunicação que acaba por ser apagado nas mídias sociais. Um esforço para lembrar que estas interações das redes sociais, apesar de serem baseadas nas estruturas de um jogo, podem resultar em consequências fora delas e, portanto, não devem ser tratadas como jogo.

Ademais, partindo da ideia de que as redes sociais são estruturas recentes na história da humanidade, vale argumentar que ainda estamos aprendendo a lidar com todas as problemáticas que surgem a partir delas, assim como o fato de que, por mais que elas pareçam fazer parte de um mundo separado (o virtual), elas afetam direta e profundamente as nossas relações extrínsecas a elas.

Analisar estas questões entra em consenso também com Emcke, que frisa diversas vezes em "Contra o Ódio" a importante necessidade de se observar cuidadosamente as estruturas que tornam o ódio e a violência possíveis. Sem dúvida, como foi exposto, a nossa relação com o mundo virtual e a consequente comunicação irresponsável que surge dela está entre estas estruturas.

Como colocado no início do texto, perceber que atualmente o ódio prevalece pode trazer uma tristeza profunda. Contudo, como ensina Emcke, cabe a nós realizar uma autocrítica curiosa e constante de nós mesmos como sociedade, operando o desmonte dos mecanismos do ódio. Só assim será possível criar uma realidade mais justa e menos violenta, baseada em uma cultura do erro e não do cancelamento.